

# Lições Sobre a Psicose<sup>1</sup>

Marcus André Vieira

## Pequeno Retorno

Ir da metáfora ao matema é uma espécie de palavra de ordem, ainda que muitas vezes ela tenha ficado em segundo plano. Temos usado bastante as metáforas e depois alguma coisa se decanta, por isso que há esse retorno pra tentar *matemizar* o que foi falado no encontro anterior. Isso faz sentido porque segue um pouco a lógica de um livro, *Como escolher seu analista (Comment choisir son psychanalyste* de *Oreste Saint-Drôme*) relacionado ao ponto de vista do cliente. Um dos itens é a idade. Ou seja, o analista muito velho e o analista muito novo. Este último tem um problema porque se tem que esperar uma semana para que haja a interpretação (para que ele discuta o caso na supervisão), mas esse é o único problema, pois é mais barato... Então, há o seminário depois faço a supervisão com o travesseiro e aí surge o matema.

Na primeira lição falamos do secretário bem como alguns tipos de escrita. Ou seja, a estabilização de um texto através do nome-do-pai como ponto de basta como uma verdade oculta, mas presente. A estabilização de um texto pela metáfora delirante. E a última que é a estabilização de um texto pelo nó. O nó é, na verdade, o ponto de investigação, o ponto de chegada do curso inteiro. Esta tal escrita do nó que não seria metafórica, mas é sobre a qual recairá nosso interesse e que foi o ponto de basta do Joyce.

A segunda lição foi sobre o furo. Creio que tenhamos saído daqui como "guardiões do furo". Ele ficou como o ponto de basta, como uma espécie de verdade perdida no texto, uma respiração. Iremos trabalhar mais isso, mas essas definições são baseadas numa matematização lacaniana no Seminário 23: O Sinthoma. "O furo é aquilo que é atravessado por uma reta infinita". A primeira vista essa frase não faz sentido e não se espera que faça mesmo. Ela consiste numa sistematização retroativa daquilo que aqui foi falado. Uma reta infinita, por exemplo, é aquela definição de O quê que é tirar alguma coisa do Outro? É extrair algo que ele não possa repor. É diferente de dizer que fazer furo é arrancar alguma coisa do Outro. É muito fácil tirar pedaços, mas quando se fala de um espaço psíquico virtual, de Outro fundamental, que não é nada além disso do que estamos falando, tirar um pedaço não é fácil, pois logo vem algo para ocupa aquele lugar. Temos uma aproximação disso nos dias de hoje em que do corpo que a gente pensa que é o Outro mais estabilizado pode-se tirar pedaços, recolocar, reformular em com isso não se pode dizer que necessariamente fez-se um furo. Exemplificamos isso com a perda de um filho. Um filho é, por excelência, aquilo que não pode ser repostado. O outro não tem como responder a perda de um filho com outro filho. A mãe de Marguerite fez exatamente isso tentou ter outro filho e colocou o mesmo nome, mas sabemos que não funciona.

A reta infinita - infinito aqui não na idéia de topológica, mas, mesmo assim, permanece a noção de que é impossível chegar no fundo ou algo que complete a superfície - foi exemplificada pela zona erógena: Reta infinita é aquilo que faz se perder no corpo da amada, aquele ponto onde se pode entrar em contato com o infinito. O furo é um vazio que faz uma medida entre dois, mas um tipo de mediação do tipo que o que une não tem nada a ver nem com um nem com outro. O amor, por exemplo, vocês podem objetar e dizer que existem vários tipos de amor. Devemos entender esse exemplo partindo do senso-comum do amor. O que é o amor se não senão algo entre mim e você que eu não domino, e que não tem nada a ver comigo,

---

<sup>1</sup> Terceiro Seminário do Curso Lições Sobre a Psicose da EBP-Rio, ministrado em 30 de agosto de 2007.

e que me invade, que não se sabe o que é e o mesmo se aplica ao outro da relação. Isso é um furo. Então a definição de reta infinita serve. Esse amor é uma espécie de abismo infinito que paradoxalmente é ponto de união. Esse é o pondo que deveria ser acrescentado. O furo estabelece uma mediação.

O furo é aquilo que é atravessado por uma reta infinita e é um vazio com o infinito e por isso mesmo sem medida comum. Então a relação que estabelece entre nós dois não é devedora a nenhum terceiro. Isso é importante porque tendemos a pensar que uma relação entre dois é mediada por um terceiro. E quando estamos falando desse furo e do furo em si tem terceiro. O amor de Cristo nos uniu isso é um terceiro, mesmo que eu não vejo nada entre a gente. Outra coisa é a relação amorosa apaixonada e essa nós sabemos que não é uma relação católica. Por isso é que ela está nos valendo como exemplo.

### **Significação enquanto tal (água e areia)**

Partamos do Schreber. Ele é um mundo de textos e idéias. Posteriormente, esses textos foram trabalhados por Freud e Lacan o que o torna triplamente um mundo. Então tomar o Schreber nas suas falas como um material clínico é um acesso complicado. Então, como opção, tomaremos o Schreber de que Lacan nos fala.

O que é um Fenômeno psicótico? Ela é a invasão de um brutal sem-nome que aqui nós nomeamos, ensinados por Estamira, como transbordo, mas Lacan nomeia como significação enquanto tal<sup>2</sup>. Isso é muito complicado porque nós não conseguimos nos desvencilhar a significação do objeto/coisa. A significação de um objeto qualquer, por exemplo. É difícil imaginar o que é invasão da própria idéia da significação sem tal objeto qualquer. Se nós quisermos ter um vislumbre do que seja isso no ponto do vista do Lacan, podemos recorrer à idéia do sentimento oceânico, como tentei descrever. É a sensação de um *over* que o mundo às vezes apresenta a nós. Esse é o ponto de base para o fenômeno da psicose segundo Lacan.

Eis que surge uma outra dificuldade, pois parece que o mar é de fora e a cidade está de um outro lado, isso, se se entender que a cidade é feita de linguagem, saber conhecimento, humanidade... E o mar é feito de um gozo animal... É preciso acrescentar imediatamente essa invasão também é invasão textual. Esse mar é meio misturado. Ao mesmo tempo a invasão de um gozo - essa significação absoluta - é invasão, também, de algo que não é fora da linguagem porque justamente o que falta é um ponto que faça diferença entre o nome e gozo. É difícil para nós conseguirmos vislumbrar essa indiferença, mas se nós nos afastamos desse lugar onde estamos, lugar em que há essa diferença, não é tão diferente assim. Uma palavra é uma coisa real, um som que me invade, mas consideramos que as palavras sejam etéreas, enquanto que alguém me dando um soco é real. Para exemplificar com uma metáfora podemos pensar num castelo de areia. A experiência psicótica não é o castelo, pois ele está na areia, mas nele se joga um pouco de água, pois, como dissemos, ela [a experiência] não pode ser o mar - o total gozo -, mas é bem a mistura. Nosso ponto de base é o litoral onde se coisas se confundem se misturam e se distinguem. Vocês conseguem imaginar o que seria a água que é feita de areia e água e que dela não se pode distinguir. E se se quiser avançar um pouco mais na imaginação lembre-se que a água arrebenta na praia e dela tira um pouco de areia.

Então a experiência psicótica se divide imediatamente em duas coisas e se apresenta como um sentimento de inundação que por sua vez se apresenta como

---

<sup>2</sup> “O próprio doente sublinha que a palavra tem peso em si mesma. Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de inefável, é uma significação que remete antes de mais nada à significação enquanto tal”(LACAN, 2002, pág. 43)

inundação de palavras<sup>3</sup> sem significação. Se cada palavra tivesse sua significação como a gente vive não ocorreria inundação, seriam cartas que trazem uma mensagem - o que as palavras são para gente. Pode até ter uma mensagem enigmática, mas ela tem a dela, mas essa mensagem não pode ser de maneira nenhuma o segredo do universo. E se pudesse a situação seria angustiante. Então o segredo do universo é essa significação sem significado. Tentem imaginar as cartas de um lado e a significação do outro, que podem se misturar à vontade, mas é difícil estabilizar essa distinção. Isso vai culminar em frases interrompidas, textos entrecortados conhecidos como alucinação. Alucinação auditiva são textos no ar, com a impressão que aquilo diz muito sem a impressão de haver um significado. Podemos dizer isso como o fenômeno de alucinação básico para Lacan e não como "Eu ouvi minha mão dizendo...", "Eu ouvi o diabo dizendo...", nisso já há um trabalho sobre a invasão de texto que já lhe deu com alguma precisão uma significação. Então o fenômeno bruto é lhe dar com o Outro tal como ele é nesse campo de indistinção. Não tem metáfora melhor que o *google*. Ele não é isso? Um monte de palavras, saberes que umas levam a um gozo outras menos. (ver 358 )

Lacan chega inclusive a chamar de pavor da linguagem "Vocês não percebem que a linguagem causa pavor"<sup>4</sup>. Acharmos que não, pois cada um tem seus blocos de significações domesticados, mas de quando em vez tem-se a impressão que eles são Uma Coisa sem trazer a resposta do que se irá fazer com aquilo. Os poetas e escritores vivem com pavor da linguagem. Então, em relação a esse pavor de linguagem, essa invasão, tem esquematicamente um pólo esquizofrênico onde há textos soltos e o outro pólo paranóico<sup>5</sup>, isso se consegue montar alguma coisa que faça distinção e organize o texto. E geralmente quando se monta essa distinção temos o delírio.

Como valer-se desses ensinamentos na clínica? Oficina de vozes, por exemplo. É uma prática muito comum no campo da saúde mental. Lugares onde se escutam as vozes que os usuários relatam ouvir. Se isso que Lacan falou está certo, devemos pensar em como fazer que essas vozes, esses textos entrecortados, essa significação enquanto tal, transformem-se em falas. Que tipo de construção é capaz de fazer essa diferença? No texto que enviamos, trazemos a idéia de um sujeito que está num ônibus que tem essa sensação de invasão, alguém esbarrou nele. Ele atribui esbarrão ao Bem Lacem. É uma saída, pois essa invasão já tem um nome. Isso é também a escrita de uma metáfora delirante.

---

<sup>3</sup> "O mérito de Clérambault é ter mostrado seu caráter [da estrutura da linguagem] ideicamente neutro, o quer que dizer em sua linguagem que está em plena discordância com as afeições do sujeito, que nenhum mecanismo afetivo basta para explicá-lo, e na nossa, que é estrutural. Pouco nos importa a fraqueza da dedução etiológica ou patogênica, perto do que ele valoriza, a saber, que é preciso ligar de novo o núcleo da psicos a uma relação do sujeito com o significante sob seu aspecto mais forma, sob o *seu aspecto de significante puro*, e que tudo o que se constrói ali em torno são apenas reações de afeto ao fenômeno primeiro, a relação com o significante" (LACAN, 2002, pag. 284, grifo nosso)

<sup>4</sup> Lacan diz "A crítica contra a intelectualização é pavor de linguagem disfarçado" Porque vivem criticando ele por ser o intelectual da psicanálise. Dizer que a teoria dele não fala do afeto da pulsão. Fala, inundação de gozo que faz parte de linguagem que não pode ser imaginado fora dela.

<sup>5</sup> Lacan valorizou muito a paranóia e o lacanismo que nós fazemos valorizou menos. É preciso lembrar que estamos em tempo de pouca paranóia, não a paranóia do senso comum, mas como grandes edifícios delirantes. Há uns vinte anos que Jacques-Alain Miller e o Campo Freudiano saíram um pouco da grande paranóia e conseguiram montar a diferença. Tirando esse grande fascínio que se tem pela paranóia resta todo um resto que estamos chamando de psicose ordinária (talvez a melhor tradução fosse psicose corriqueira ou psicose comum) porque está muito difícil encontrar esse grande edifício delirante. Primeiro porque não se tem mais pacientes internados longas datas em algum lugar construindo seu delírio e também por haver uma torrente chuva de Haldol sobre tais pacientes. Dessa forma fica difícil construir um delírio. Poderíamos delinear outra explicação: Não há grandes fundações paternas, grandes autoridades de conhecimento atualmente como já teve. Diante dessa construção fazia muito sentido propor um delírio e ficar acima dessa grande construção consensual. Num mundo mais em rede, horizontal essa possibilidade fica dificultada.

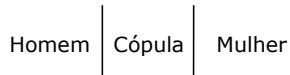
### Imaginário em Schreber

Para não perdemos a ligação. Como ficaria a metáfora delirante em Schreber no esquema que havíamos?



Nesse meio entre Deus e Mulher há o furo. E o furo não é exatamente algo garantido por algo divino, mas que faz efeito de furo é a produção de uma nova raça. Não é só a idéia da cópula, pois isso talvez não estabilizasse, mas sim o fato de que essa cópula tem o motivo da criação de uma nova raça que povoará o mundo. Lacan insiste muito nessa questão no texto *Questões preliminares a todo tratamento possível da psicose*<sup>6</sup>, ao falar sobre o delírio assintótico de Freud, ou seja, alguma coisa que vai acontecer no futuro. O furo é uma maneira de recapitular esse tema. Então "Como deve ser bom ser uma mulher a cópula com Deus, para dar a luz a uma nova raça, mas no futuro". E onde fica a metáfora? Ela está no fato de que todo esse delírio vem se sobrepor a alguma coisa.

De onde Schreber retirou material para tal delírio que poderíamos estruturar dessa forma:



Poderíamos concordar que esse seria um o bloco de significação básica exposta na cultura. E há várias formas de se fazer isso: Manuais, Kama Sutra... Coloquem essas coisas no plano do imaginário e pensem que essas coisas são blocos de significação da cultura e que fazem parte do Outro. Imaginem a experiência de pegar isso e sobrepô-la à experiência caótica. Resultaria, como de fato resultou, no fato de que, aquela vivência psicótica do caos que no Schreber tem nome de Deus virou outra coisa. Deus agora é um super-homem, não é qualquer homem, mas não é um Deus totalmente onisciente e onipotente<sup>7</sup>. Então ele agora ocupa o lugar da Mulher. E, por último, a cópula que se não produzisse uma nova raça não funcionaria, pois não haveria furo. Havendo o furo pode-se jogar/barrar um pouco do gozo para o futuro. Porém, o que nós temos que pensar hoje não é furo e sim o papel desse imaginário, esse bloco da cultura pronto, disponível assim como, por exemplo, a missão. A proposição de que alguém virá para nos salvar, o Messias.

Para completar esse sobrevoou rápido. Lacan traz uma chave de leitura fundamental que está em pegar o termo homossexualidade e fazer dele o transbordo, se agente não fizer isso o texto de Freud não vai ser entendido. O que Freud vai dizer é que Deus está no lugar do Pai, da figura paterna e que Schreber tem uma tendência homossexual e que por isso ele se defende e cria o delírio. Se nós afirmamos que esse Deus do Schreber é o Pai do Mito do Édipo, se nós não falarmos que esse Deus é o Deus da inundação, da significação enquanto tal, se não entendermos dessa forma o texto de Freud não merece continuar existindo porque ele está dizendo que a causa do delírio é a homossexualidade. Imaginem que alguém deve ter lido assim, mas outras pessoas leram de outra forma, como Lacan o fez. No lugar de Deus como pai leia-se invasão, inundação que Freud chamava de Pai porque na época funcionava. Dessa forma ele confinava na palavra pai tanto o pai todo-amor e o pai todo-gozo.

<sup>6</sup> In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro, JZE, 1998

<sup>7</sup> Schreber diz "Deus não sabe nada sobre os homens"

Deve-se acrescentar também que, talvez, da homossexualidade podia-se falar como uma coisa louca, pois não era algo que se falava a não ser como coisa louca.

Se nós lermos dessa forma lacaniana dá alguma coisa certa. É possível retomar e ver que ali há toda uma maquinaria que Freud está tentando ver como se faz uma metáfora delirante e que tipo de jogos se faz com os pacotes que a cultura oferece do tipo: "Eu amo, eu odeio"; "Eu tenho ciúme eu não tenho ciúme"; "Estou apaixonado não estou apaixonado".

### Considerações sobre o Furo

Há um problema, pois aqueles que estão acostumados com o Seminário 3: As Psicoses vão dizer que há um problema no que digo e esse problema se refere ao furo. Ele deve ser feito e caso da neurose esse furo é como um ponto no infinito que regula as relações: homem/mulher, por exemplo. Então o que quer que a gente faça nesse meio (furo) nos remeterá a uma medida comum: "Deus sabe com alguma precisão o que vai acontecer com a gente". Na psicose o furo se constrói na hora em que isso é feito. Porém, Lacan diz que na hora do desencadeamento o psicótico se encontra com o furo no simbólico. Há um paradoxo aqui entre o furo que vai desencadear o surto e o furo que salva. Teremos que corrigir Lacan desde que se corrija Lacan com o próprio Lacan. Primeiro não é tão impossível dizer isso. Então podemos dizer que onde tiver escrito que o psicótico desaba quando encontra o furo no simbólico o que vai dar em leituras segregadoras do tipo ele tem simbólico furado e nós teríamos o simbólico cheio ou ele tem um defeito no simbólico. Em vez disso, leiamos que ele não encontra esse furo ele vai cair no mar. Mas a metáfora que Lacan tinha na hora era falar era furo assim com de Freud tinha de homossexualidade.

Não estamos forçando muito, pois há muitas bases para dizer isso como, por exemplo, num texto de Jacques Alain Miller: A Falta e o Furo. É uma passagem num livro que é o Último Ensino de Lacan. Ele, Miller, faz justamente uma diferenciação entre falta e furo na topologia do Seminário 23: o Sinthoma e que orienta tudo que estamos dizendo, mas não apenas isso. Porque o Lacan no próprio seminário fala do Pai Simbólico<sup>8</sup> é como ele chama nessa época. Na topologia o pai simbólico é definido como um furo. Então já teria o paradoxo do próprio seminário. Ele é um furo então quando o psicótico se encontra com o pai simbólico que é um furo ele desencadeia, mas o pai simbólico é o mediador do neurótico. Lacan Fala as duas coisas.

A definição do furo ocupa uma grande parte do Seminário 3 e não é apenas uma ocupação do Seminário 23. Por um lado ele fala que o desencadeamento se dá pelo encontro com o furo, no sentido de que ele encontrou aquilo que não está funcionando, mas ao mesmo tempo o furo é bom por ser aquilo que produz um texto. Ele encontrou uma coisa que não está funcionando e que é justamente aquilo que produz o furo. Ou seja, o não funcionamento justamente daquilo que deveria situar uma espécie de verdade que nós mesmos não sabemos onde está e que está ausente. Porém no seminário 10: A Angústia Lacan diz: "Angústia é a falta da falta" e define claramente essa falta como a falta do furo. Então o caos é nesse momento em que o furo falta. Então com o Seminário 10 podemos ler essas passagens com mais segurança. E também a gente pode diferenciar a falta do furo. Então, extraiu-se o pedaço do Outro não é furo, chamemos de falta, perda. Perda de alguém não é a questão e sim perder alguém que deixe um furo. Isso é o infinito e assim voltamos para a definição inicial. Dessa forma, onde estiver escrito furo no simbólico no seminário 3 no Lacan leiam falta do furo.

**Comentado [LMDR1]:** Referências: 329 (pai como furo) 203, 233, 229 (encontrar-se com o furo)

<sup>8</sup> Não entendem que o pai do psicótico é um pai real e imaginário e o pai do neurótico é um pai simbólico. Não.

## Do falo à bengala

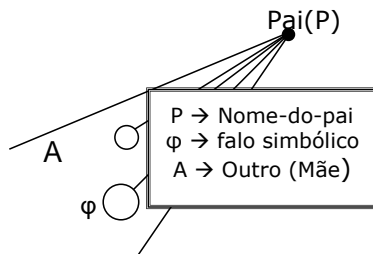
Vale a pena ler. Por exemplo, quando ele fala da grande estrada que seria a crença no Papai Noel. Não quer dizer que o Papai Noel é ruim, mas pensemos que essa grande via é uma crença desse tipo: acreditar no papai Noel. Por isso é difícil fazer com que as crianças deixem de acreditar no Papai Noel.

O Zizek dá um exemplo de um antropólogo que vai a uma tribo indígena e pergunta para alguém depois de todo um trabalho de aproximação: "Você acredita nesse totem?" Não, mas isso pode desagradar os mais velhos. É difícil saber até que ponto essa crença é real o importante é que existe a crença e que ao acreditar se valida a crença. Isso é Papai Noel para Lacan. A concepção do Pai como um ponto no infinito não está dada no seminário, mas no Regnault há um artigo que se chama Ex-nihilo<sup>9</sup> que está publicado no livro Para ler o Seminário 11 que ele marca muito bem que a idéia do nome-do-pai para Lacan é isso: Um ponto no infinito. Ponto de crença. Ou seja, de que alguma coisa no infinito vela e localiza nossas relações. Tem que ser no infinito por que aí pode-se fazer algumas coisa no nosso plano mais livremente. Se esse ponto falar "Não matarás" já não se poderia inventar tanto. Então, o forte da crença na religião não é os deus mandamentos, mas sim que eles dizem a palavra divina, ou seja, é a crença na palavra divina que é a força. A gente pode mudar os mandamentos a Igreja vive mudando e nada acontece.

Nesse caminho do Lacan clássico que é uma leitura que não é totalmente lacaniana, diz-se: Pai simbólico quem tem é o neurótico (esse furo que funciona) e o psicótico não tem nesse lugar ele tem um furo aí ele desencadeia. Ele não tem como percorrer a grande estrada, essa idéia do ponto no infinito então ele fica com as bengalas imaginárias<sup>10</sup>.

Mas poderiam opor-se dizendo que o psicótico precisa de apoio enquanto que nós neuróticos não precisaríamos. Não. Nós também precisamos de apoio, o falo.

No final da perspectiva fica o Pai (Nome-do-Pai P) logo abaixo o -  $\phi$ .



O que é esse  $\phi$ ? Primeira idéia se não tiver uma figura que sustente o poder desse pai esse ponto  $\phi$  não funciona. Deve haver certa figuração dele. Segunda questão, essa figuração que a gente vai chamar de falo não é essencial para que a neurose funcione (ou não funcione). O que é essencial é, uma vez essa figuração

<sup>9</sup> REGNAULT, f. "o Nome-do-Pai", *Para ler o seminário 11 de Lacan*, Rio de Janeiro, JZE, 1997

<sup>10</sup> A própria palavra bengala que não é bengala é muleta na edição brasileira carrega ambivalência. Em Francês é béquille que traduzindo-se temos a muleta, ainda que sentido figurado seja apoio enquanto que bengala é canne e o sentido figurado é vara. Então ao se traduzir por muleta, traduz-se corretamente, mas se perde o sentido figurado. Lacan não está falando muleta e sim bengala ainda que a tradução chame muleta. Entenderam, mas olhem como isso é importante. Se ficarmos com muleta associaremos com aleijo, mas se ficarmos com o termo bengala não, pois tem um a idéia de uma força, idade, vara que chegará onde queremos chegar que consiste na idéia do falo. E muleta não é uma boa palavra.

apresentada, o furo se apresenta. Isso também está no seminário. Se se abrir todos os manuais da psicose sobre Lacan veremos que o primeiro momento é: o filho é o falo imaginário da mãe os dois se completam. Acontece que Lacan diz com todas as letras no seminário 3: "Não existe essa idéia de que o filho é o falo da mãe". A questão não é que o pai tenha o falo e tire o filho da mãe que era o falo dela.

Não é essa a questão. Se o pai tem o falo. Então, no meio dos dois tem um furo já que o pai tem falo ele não está no meio da relação entre mãe e filho. O que se tem entre esses dois? Entre esses dois agora tem um furo e agora eles são dois distintos. Então é esse vazio criado entre a mãe e o filho que Lacan vai chamar de falo simbólico. E essa figura de poder fora da relação necessariamente (não é intervindo diretamente, por exemplo, "Seu pai está no trabalho, mas quando ele chegar"). Então teremos o esquema representado acima.

Em nossos termos se divide em falo imaginário, bengala e furo. Não há furo sem bengala, mas nem toda bengala vai fazer furo. É possível ver que nem sempre toda e qualquer bengala vai funcionar. Quando o pai no infinito está muito bem seguro, quase qualquer coisa que se cole em cima desse poder aqui (membro ereto) vai ter esse efeito de separar. Mas é claro que quando eu chegar nele, quando eu adquirir esse símbolo fálico, essa insígnia fálica como se diz, o Outro maior vai se dirigir em algum outro lugar. E sempre, sempre se fica desesperado por que tem alguém em algum outro lugar que tem mais poder que ele. Não é esse o caminho? A falta é criada como qualquer sucedâneo do falo que seja apresentado. Isso que o Lacan diz que no terceiro tempo do Édipo o pai tem que apresentar o falo. Se ele não apresentar alguma coisa não haverá a garantia da falta. Sabemos que a mãe tem que fazer a falta no próprio discurso, mas o pai tem que apresentar alguma coisa para que essa falta funcione. Isso pode ser encontra esquematizado desse jeito no seminário 5, Os três tempos do Édipo I e II.

Pergunta inaudível.

A questão nossa de hoje o que é isso que apresenta. E nós decoramos que é imaginário. Esquecemos que isso não é uma espécie de coisa mal-feita pra psicótico fazer no lugar do pai simbólico. Mas ainda não sabemos bem o que é. Mas o início, que estamos aqui tentado construir, é dado pelo Outro. Não é nada do real. Ele vem fazer essa função, nesse sentido que é imaginário, está pronto é uma forma dado mais ou menos fixa. Como é que uma forma vai vir para significar essa significação enquanto tal. Costuma ser o pênis na neurose, mas pode ser outra coisa. Se a gente não achar que pode ser outra coisa, vamos achar que o psicótico não pode fazer nada parecido. Pois o psicótico é aquele que diferente de nós não acredita no Papai Noel então ele vai ter que fazer algo com as figuras imaginárias para que esse furo seja criado. Não é obrigatório que seja a potência.

Eu queria mostrar que mesmo na neurose isso aqui está funcionando, mas que está funcionando mal, por exemplo, a neurose obsessiva. Esse ponto ele muito carregado de gozo, é um pai gozador que humilha. Aliás é o próprio exemplo de Lacan que quando vai falar das bengalas imaginárias introduz a idéia de alguém que tem um pai violento, fica difícil acreditar que essa pai violento está assim sendo em nome de alguma coisa, e que tem uma coisa maior dele. Então o sujeito é obrigado a se segurar e em uma figuras quaisquer e ficar com elas, em vez de usar a bengala que é o amor do pai.

### **Os Três textos**

Agora tenhamos uma aproximação mais intuitiva do que sejam essas figuras imaginárias que fariam função de bengala para que se possa articular o furo. Relembraremos as três formas de estabilização de um texto.

O nome-do-Pai é um ponto de basta como uma verdade em algum lugar do texto ele engendra um certo tipo de concepção da escrita e produção de verdade que coloca em jogo a produção de sentido. Ou seja, quando as coisas funcionam dessa maneira há a produção de sentido o que é diferente da idéia das marcas que produzem entre si uma certa concatenação fazendo brotar sentidos, mas o sentido não está nas marcas. Esse é o bloco mágico freudiano retomado por Lacan e Derrida. No livro *A Escrita e A Diferença*, mais precisamente no texto *Freud e a Cena da escrita*, Derrida retoma as metáforas de Freud a respeito da escrita principalmente a do bloco mágico com o propósito de dizer isso. O Freud está propondo um funcionamento seguindo o esquema do bloco mágico no sentido de que há traços e que eles entre si são marcas desprovidas de sentido, mas em sua montagem<sup>11</sup> constituem uma grade que lê o mundo. Em outras palavras, estamos na contramão da suposição de que o mundo tem sentido pelo fato de que alguém em algum lugar vai explicar o sentido dele. Nessa concepção do bloco mágico tem-se uma espécie de desrealização dos sentidos das coisas e chega numa espécie de marcas básicas que vão fazer com que as coisas tenham sentido. Podemos até imaginar que o caminho de análise é chegar nessas marcas. Isso alcança uma desrealização dos sentidos que é um dos efeitos de análise, pois podemos concordar ao dizer que a análise que anda traz, de certa forma, uma descrença no que antes se acreditava. O que está em jogo não são as marcas como portadoras de sentido e sim as marcas esvaziadas de sentido, mas articulando-se entre si. Se quiserem outra nomeação para essas marcas, *significante*. Lacan quer dizer isso, traços diferenciais. Por uma razão que será exposta posteriormente esses traços ao deixar o gozo passar produzem uma possibilidade de leitura as coisas.

E a última que não é metafórica, o nó. O nó, que é montar alguma coisa sem fazer metáfora e sem apagar as marcas. Essa tal escrita do nó, que seria aquela que o psicótico nos ensina, por exemplo, a do Joyce, constituiria em um outro tipo de concepção de final de análise menos *infinitezada*<sup>12</sup>.

Observem as imagens, mas considerem que as imagens também são textos. Ou seja, nós estamos usando até agora analogia de um texto a ser produzido, mas podemos usar também a analogia dos quadros/telas, mas também poderia ser um sonho. Vejamos.

---

<sup>11</sup> Porém há qualquer coisa nesse processo de chegar as marcas fundamentais que não vai chegar nunca. Pode-se chegar a construção de algum tipo de grade que seria uma saída que chamamos de fantasia.

<sup>12</sup> O bloco mágico seria uma espécie de escritas, reescritas incessantes: "Eu Sou alguém que não consegue achar que uma figura de poder é do mal, está na minha grade" Então eu vou para análise e isso dá uma esvaziada só que eu vou continuar com essa sensação sempre e vou tar masi descolada frente a isso. Essa outra escrita do nó talvez ofereça uma outra possibilidade.



# Apresentação<sup>13</sup>

---

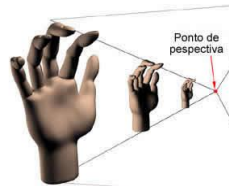
## Camille Claudel - La vague (Transbordo)



Temos Camille Claudel. Essa escultura traz bem a imagem do que aqui estamos chamando de transbordo bem como traz a idéia do que está em baixo também está em cima, ou seja, aquela metáfora que estávamos usando (areia e água). Não é tão fácil assim fazer alguma oposição entre o mundo da brincadeira e o mundo do transbordo.

### O ponto de perspectiva

Observem o ponto de perspectiva no final para onde tudo converge. É a mesma coisa que segue no esquema que lhes mostrei anteriormente, mas aqui fica mais claro que as mãos se distinguem e fazem sentido em relação ao ponto final que no outro esquema chamamos de nome-do-pai.



### A Man Reading (Saint Ivo?)



Esse aqui é uma parte do quadro do Jan Van Eyck, não tem nada a dizer em termos de perspectiva, proporção está tudo certo. Agora vejam o próximo do mesmo pintor, que segue, na mesma época.

---

<sup>13</sup> Disponível em:

<http://www.litura.com.br/Litura/Falas%20e%20Escritos/Cursos.%20semin%e1rios/Li%e7%f5es%20da%20psicose%202007/Bengalas.ppt>

### Jan Van Eyck, *Madonna del cancelliere Rolin*,

O fundo (segundo plano) está seguindo a perspectiva, mas parece que ela está fora da parte da frente, não encaixando muito bem. As duas personagens representadas são muito densas, o anjo vindo de algum lugar que não se sabe colocando a coroa? Há qualquer coisa nesse jogo de perspectiva que marca uma diferença entre o primeiro e o segundo plano. Isso porque no primeiro plano há a figura do bebê que é Jesus Cristo. E se vocês perceberem bem verão que ele perturba a imagem, uma vez que não se pode fazer uma perspectiva se há um Jesus que é Deus no meio. Não se pode tornar ele um ser menor, ou seja, de alguma forma ele toma a centralidade do quadro e isso perturba e altera a perspectiva. Deve-se falar que nessa época (século XV) não era permitida a representação de um Jesus menino. Ele tinha que ser representado já em outra idade. É importante dizer que no quadro Jesus segura objetos que não são objetos infantis com alguma simbologia. Há blocos de imaginário, por exemplo, Deus é todo poderoso sendo ele velho e novo ao mesmo tempo, isso perturba a montagem de cena, pois já não posso referenciar tudo ao ponto no infinito. Isso exemplifica um pouco o que é esse imaginário que aqui tentamos trazer em relação ao ponto no infinito. Se o imaginário cresce o ponto no infinito perde seu poder.



### O Litoral / Grande Avenida



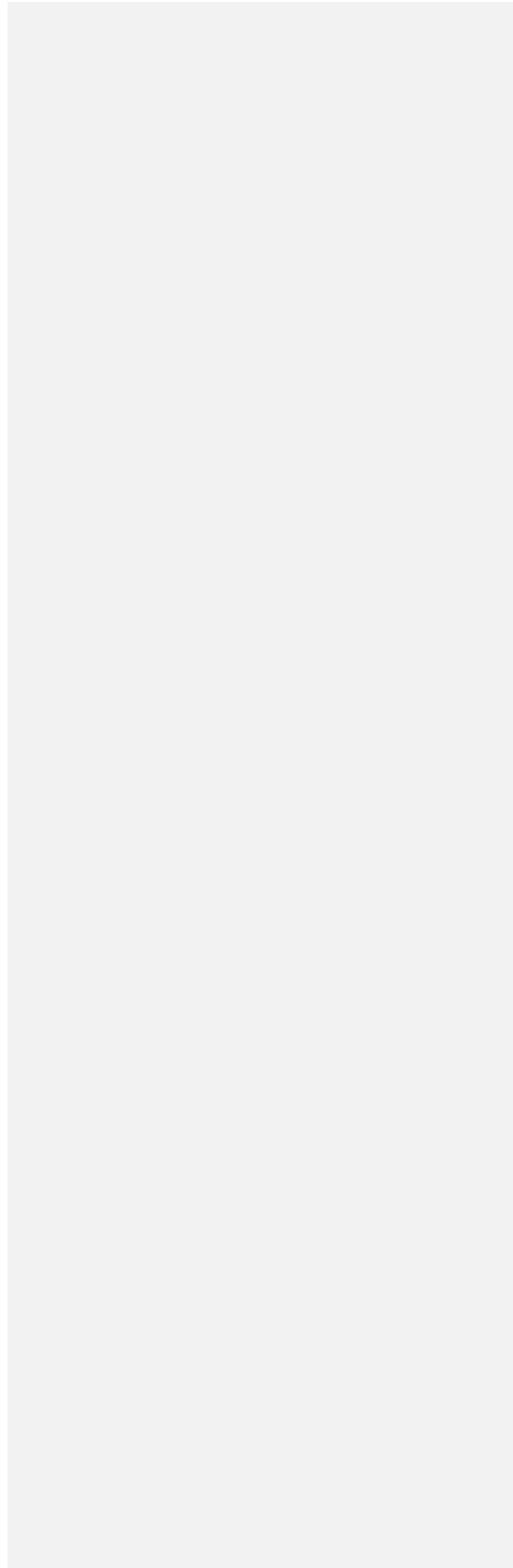
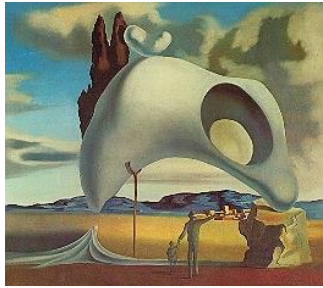
No litoral à direita temos o mar e a esquerda a areia. É esse lugar de proximidade entre eles que nos interessa, e aqui que fazemos nossas esculturas e onde as crianças querem brincar. Voltemos a grande estrada e lembrem-se que no "final" da grande estrada Papai Noel. Se nós tirarmos esse ponto para onde tudo que converge que Lacan chama de Papai Noel aparece Salvador Dali.

### Bengalas

Se há uma coisa com que Salvador Dali trabalha muito são as bengalas. Não é possível comentar muito, mas reparem como as bengalas sustentam algo. Ele tenta trazer a imagem de como seria o pintor louco sem a "grande avenida" para isso é preciso que as coisas se sustentem ou sejam sustentadas. Mas talvez possamos contrapor essas duas imagens que se seguiram.



Não é para dizer que um tem furo enquanto a outra não tem furo, mas sim para dizer que nesse primeiro há alguma coisa no ar, mas mesmo assim há alguma estabilidade. Já na segunda imagem há uma bengala, mas o sujeito em chamas.



O próximo serve-nos para dizer que não é preciso haver um furo nem uma bengala desenhados. Supondo que há uma estabilidade e que o ponto de basta existe. O que faz o efeito maior de furo é cara verde que ele apresenta. Parece um pouco delirante mas há o apoio de Roland Barthes.



### **Recapitulando o falo**

Falamos anteriormente de um certo uso do imaginário, de imagens que podem assumir funções. Algumas imagens ganham funções específicas. Algumas passam a valer mais que outras. Uma destas imagens, ou um certo uso de uma delas é a da bengala, que é só uma metáfora para abordarmos o conceito de falo. A idéia não é apropriar-se do conceito, mas nos aproximarmos dele. É só imaginar um senhor andando na rua de bengala. O que é essa bengala? Ela é um coisa do mundo, mas igualmente uma imagem. Essa imagem apresenta-se para nós com um aspecto paradoxal. Ela tanto encarna uma fraqueza quanto um grande poder. É só evocar o primo rico da bengala, o cetro. Mesmo se ficarmos com a bengala simples, mesmo se ela vem apoiar um senhor que claudica, ela não lhe confere um toque de austeridade, seriedade e importância?

Fiquemos com essa ambigüidade. O poder da bengala está exatamente na falta que ela marca. Isso vale, segundo Lacan, para todos os ditos símbolos fálicos. Tudo o que se sustenta ereto, em direção ao céu, todos os totens e membros viris, tem seu poder por escorar a falta. Isso porque uma imagem de poder sempre evoca um poder maior. O falo não é o poder em si, o falo é uma imagem de poder que tem poder por justamente evocar o poder maior. Então esse senhor, ele pode estar curvado pelo tempo dos anos, mas ele tem o poder maior porque ele está em contato com a tradição, está em contato com o legado de todo conhecimento de todos os séculos. Então, ele sabe muito mais do que algum outro. E o que marca isso é a bengala.

Esse é falo no sentido lacaniano. Uma imagem que tem função significante. Uma imagem que sustenta a falta. Aquele poder sempre além, puro ponto no infinito que Lacan chama de Nome do Pai. Se Moises se apóia num cajado, esse cajado representa Deus que é Todo poderoso, mas quem sustenta seu poder? O símbolo de seu poder, que é o símbolo de uma falta (outra definição lacaniana de falo). O cajado encarna um cheio que, estando além, instaura aqui na Terra uma falta. Essa é a ambigüidade do falo que faz com que às vezes Lacan reserve para a imagem de poder o termo falo imaginário e para sua função de falta, o termo falo simbólico (ou muitas vezes apenas falo). Esse falo simbólico é que vai funcionar na neurose, como esteio imaginário da Lei do Pai.

O cassetete de um policial, sem a função fálica, é só um cassetete de um policial. É a situação de hoje em que esse poder, da lei e da tradição, está em baixa. Mas o cassetete de um policial que tem um juiz por trás é um outro cassetete. Ele é uma possível cadeia que mete medo, não é preciso usá-lo.

Esse esquema do falo está todo no Seminário 3: As psicoses. Mas cuidado. Nesta época Lacan faz do simbólico sinônimo de Pai, mas isso vai mudar ao longo de seu ensino. Melhor dizer que, mesmo ali, o falo não é o casamento entre o imaginário e o simbólico, mas entre uma imagem e esse poder maior que a gente chama Nome do Pai, da crença no além. A articulação entre a imagem que está no mundo, uma bengala, por exemplo, e essa coisa além, é que dá o poder que chamamos de autoridade simbólica. Talvez não seja também o melhor termo porque confunde. Esse poder é feito de imagem mais a certeza de que essa imagem indica algo além. Se a gente tirar esse algo além, essa imagem é só uma imagem. É o que vai fazer o bispo da Igreja Universal e sempre sustentou os iconoclastas.

Se esta crença não está haverá outro modo de instituir o furo dando respiração ao mundo sem recurso ao Pai? Aqui reside a novidade do último ensino destacada por

J. A. Miller. Não é preciso do Nome-do-pai para fazer com a vida funcionar direitinho, sem doença. A metáfora delirante já é uma forma de fazer o furo sem precisar de nada além.

E funciona? Trata-se de um casamento entre imaginário e simbólico, tal como na metáfora paterna, entre imagem e furo na imagem. No caso da metáfora paterna será a imagem e o furo, no delírio, a imagem e um postulado, a idéia de que haverá uma nova raça se houver cópula com Deus, funciona como furo na imagem. Haveria outras maneiras de montar o furo e a imagem sem esse postulado e sem o nome-do-pai? É todo o exercício de Lacan no Seminário 23.

Já no plano do Seminário 3 Lacan examina outra forma de montar a cena do mundo e que chama o apoio em bengalas imaginárias. Utilizamos as bengalas de Dali para dar uma imagem do que seria um jogo entre bengalas sem o furo que é a função paterna. Desenhamos o que seria tentar criar, apenas através do imaginário, uma estabilidade da imagem. Imaginem que não se tem essa idéia de que há um além em algum lugar. Fica tudo escorregando se você não conseguir estabelecer alguma coisa nesse mar que seja um furo. Então aquelas bengalas que seguram um mundo que derrete mostram nossa premissa: sem furo não dá para respirar, ou dito com Marx: "Tudo que é sólido desmancha no ar" do Marx.

### A Câmara Clara (Bloco Mágico)

Passemos agora para o furo e para isso falaremos de A Câmara Clara, Roland Barthes.



Ele segue bem essa idéia de que há marcas, para isso devemos pensar o ponto que cria o furo de outra maneira. Ele analisa fotos, há varios elementos nas fotos, mas há sempre alguma coisa na foto que toca a mim (um ponto qualquer na foto) e é esse ponto que faz o furo, ou seja, que possuiu uma signifcação que não se sabe dizer o que é. Lacan chama isso de objeto a. Então o furo se estabelece entre aquele que observa e a tela e não do mesmo modo que estavamos falando antes com o ponto de perspectiva por supor um tela, um poder e aquilo que responde a esse poder. Isso dá uma espécie de furo, uma respiração para o texto. O texto respira por que tem nele o representante de um além. No caso da metáfora delirante não tem o além, mas tem um jogo entre vários elementos imaginários que produzem uma certa respiração. Nessa foto o esquema é outro. Há um ponto que toca porque aciona algo na grade de cada um que não se sabe dizer bem o que é. Na análise que Barthes faz da foto temos Rainha Vitória, poder absoluto, sentada no cavalo e esse tal ponto (punctum) é o sujeito segurando as rédeas do cavalo, pois se ele está segurando é por que o cavalo podia correr e nisso derrubar a Rainha Vitória. Sua presença marca que alguma coisa de errado poderia/pode acontecer.

Não é porque estamos falando de imaginário que tenhamos que localizar o punctum em alguma monstruosidade. Não é por isso que ele evoca o punctum. Para Barthes o punctum



dessa foto estaria na gola desproporcional do menino.

### O Nó

Além dessa, temos outras. Lembrem daquela figura do caçador Orion. Temos a imagem sustentada por um furo no horizonte. Pode-se imaginar um agenciamento pela montagem de elementos vazios, puros pontos que ao se articularem produzem uma imagem. É uma montagem por pixels, ou pontilhismo como o de Seurat para ser mais culto. É também modo de agenciamento que Freud chamou de o bloco mágico para dar uma idéia do que seria o funcionamento do aparato psíquico. Ele não teria em si imagens, mas apenas marcas de escrita que uma vez ativadas produzem a imagem. O agenciamento bloco mágico seria mais uma constelação, cuja força reside na articulação de pontos sem sentido que podem ser, porém, o suporte de uma imagem tal como a do grande caçador. Aqui não é a clava de Orion que sustenta o NDP. Não há NDP nem falo, mas há sentido e furo (que fica entre as estrelas e a imagem, tal como entre a tela e nós no caso de Barthes.

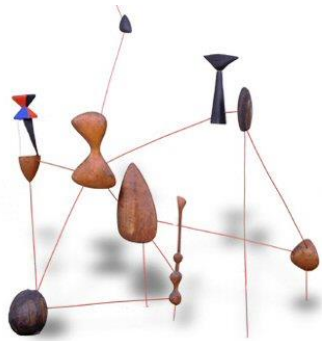
Temos agora o nó. Não havíamos falado de constelação? Se há uma coisa boa para mostrar como se faz um laço, um nó, que tem furo nem necessariamente sentido é a constelação. Esse aqui é o imaginário do grande caçador, Orion. A vasta constelação que faz essas marcas não são nada, mas uma vez montadas resultam nisso. É possível perceber a diferença entre essas três coisas. Se alguma coisa se monta entre essas marcas que são difíceis de localizar, eu não tenho apenas o imaginário do caçador, ele continua mas esvaziado. Não tenho só a constelação, semelhante a idéia da grade, tenho, então uma coisa mais viva.



Ainda podemos situar um terceiro passo onde essas marcas não serão mais apenas pontos, mas terão toda uma consistência própria, diferentes entre si, mas fora do sentido. É o exemplo do móbile de Calder. Produz-se um nó criando um móbile e a partir daí vive-se.

Se vocês imaginarem os elementos de cada um desses três planos são diferentes. No caso do grande caçador, Orion, não tem elemento apenas uma gestalt. Esse é o plano do imaginário. Só se vê o grande caçador. Passou para a constelação estaremos libertados do poder da imagem. A do pai opressor, por exemplo, ou ao contrário, do pai impotente. Só que, perdido o lastro da imagem os limites da gestalt, quantas novas imagens não podemos fazer variando nossas marcas? O fazer é infinito. Tem-se que ficar numa espécie de fazer e refazer sem fim o gesto que me fez libertar do pai. E por último os elementos não são mais as estrelas são pedras. Isso vai fazer diferença. O que são elementos? Estes restos de história. Estes que sobram numa análise. Se se está apenas com as histórias eu sou escravo dela. Se se parte para os "tijolinhos" da história, que são pequenos detalhes de uma vida. Pequenos detalhes que se enlaçaram, mas um passo a mais. Esses pequenos detalhes têm um lugar, eles não são apenas detalhes insignificantes o que importa é a constelação. A constelação não é nada. Eu posso colocar esses detalhes a serviço de algo. E o segredo dele é que ele transformou em móbile.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Fica tudo esquematizado. A imagem do caçador que tem haver como o nome-do-pai que produz o quadro perfeito. Isso é Seminário 3. O trabalho do punctum como o Roland Barthes com a foto da rainha Vitória. Há algo nela que eu não sei dizer muito bem o que é, mas eu tento localizar e ele caba fugindo eu fazendo, dessa forma uma espécie de roteiro de onde ele passeia. Isso é Seminário 10. A resposta de Lacan a Barthes seria em relação ao objeto a: "essa coisa que passeia só passeia em certo âmbito". Já no caso do nó temos o Seminário 23.



### **Referências Bibliográficas**

LACAN, Jacques. O Seminário 3: As psicoses. Rio de Janeiro, JZE, 2002

Notas estabelecida por Leandro Reis